



O PAPEL DA AULA DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA: A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA A PARTIR DO MUSEU CAIS DO SERTÃO

**Beatriz Kaline Rocha da SILVA¹;
Luciana Rachel Coutinho Parente²**

¹Estudante do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte
E-mail: beatriz.kaline@upe.br

² Professora do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte
E-mail: luciana.coutinho@upe.br

Introdução

Tendo como objetivo fomentar discussões acerca das aulas campais no âmbito do ensino da ciência geográfica, o presente trabalho utiliza como objeto central o museu Cais do Sertão, sendo debatida sua função enquanto campo através de recorrentes discussões acerca da dialética entre as formas de ensino, do papel do equipamento cultural na educação formal e do papel desempenhado pelas aulas em espaços não-formais.

Este é um estudo realizado com o método materialismo histórico (onde o campo é insubstituível para que haja engajamento entre sujeito e objeto) e se trata de uma pesquisa aplicada, explicativa e qualitativa – pois tem aplicação prática, visa explicar a razão pela qual a aula de campo desempenha um papel tão importante no ensino da Geografia e nela a interação sujeito *versus* objeto não pode ser traduzida estatisticamente. Além disso, é embasada em pesquisa bibliográfica com visita a campo.

Diversos autores defendem a importância da aula de campo para fixação do aprendizado formal e, além disso, como dito por Rodrigues e Otaviano (2001), ao relacionarmos os conteúdos vistos em sala com o que é vivenciado na aula de campo, há uma forte tendência de ser desenvolvido no aluno uma maior sensibilização ao mundo natural e cultural, além de corroborar com o fortalecimento da personalidade do aluno e a aquisição de conhecimentos de conteúdos relacionados ao momento extraclasse.

Ainda sobre o papel das aulas fora do âmbito formal de ensino, há, nos artigos 62 e 63 da Lei de Diretrizes e Bases, um direcionamento para o quantitativo de horas em atividades



culturais que um professor em formação deve cumprir e isso – além de ampliar as possibilidades pedagógicas – reforça o posicionamento de Vera Candau (2013): escola e cultura são universos entrelaçados e é urgente a junção da dimensão cultural à prática pedagógica.

Consultando apostilas, publicações e artigos, foi possível encontrar pontos de direcionamento ainda sobre o papel dos museus na sociedade – sem deixar de levar em consideração que o primeiro museu aberto no Brasil nasceu em 1818 por intermédio de Dom João VI e sofreu um trágico acidente incendiário na data em que completaria 200 anos, o que diz muito sobre a importância que não se dá a esses relicários.

De acordo com o Conselho Nacional de Museus (2007), um museu se trata de uma instituição permanente, acessível ao público, que não possui fins lucrativos, e trabalha em favor da sociedade e do seu desenvolvimento adquirindo, conservando, pesquisando, comunicando e expondo patrimônios tangíveis e intangíveis, da sociedade e do meio ambiente, com propósito educacional, de estudo e deleite.

Ainda sobre esse tópico, o professor Yazid Jorge Guimarães Costa (2020) afirma: mesmo que haja diferenças entre as definições do que é um museu, há o consenso de que ele deve cumprir três funções específicas – produção de conhecimento, capacidade de educar por meio do patrimônio e atuação em conjunto com a sociedade que o cerca. Ou seja, pode ser considerado como um local de passeio, mas isso não muda que será sempre um espaço de aprendizagem.

Desenvolvimento

Também é costume dizer que o campo é a sala de aula do geógrafo e, de fato, com a vastidão da ciência geográfica é possível discutir sobre todos os espaços, em qualquer espaço, mas também há locais que são mais adequados, como é o caso do museu Cais do Sertão. E assim, devida à relação que se estreita entre o espaço cultural como ambiente de educação não-formal e os grupos oriundos da educação formal que nele adentram, se faz necessário lembrar a fala de Trindade (2003): “De um lado está a educação e do outro a ideia de cultura como lugar, a fonte de que se nutre o processo educacional para formar pessoas, para formar consciência.”

Resultado de uma parceria entre os governos estadual e federal, inaugurado em 2014, o espaço é referência em cultura sertaneja na capital pernambucana: desde a importância de Luiz Gonzaga levando a cultura local a nível internacional até o modo de vida dos sertanejos, é



possível fazer uma imersão capaz de dissociar o sertão das dificuldades que a ele remetem, como a seca. Além disso, é importante levar em consideração o entorno do museu: está localizado no bairro histórico do Recife, à beira do rio Capibaribe, próximo ao Marco Zero. Tudo caracterizado como rico campo passível de exploração.

Tudo remete às origens do povo nordestino, desde os cobogós que forram sua fachada até os instrumentos de fé, e vai além. Para a Geografia, que estuda tudo o que a interação homem *versus* meio resulta, o espaço traz a perspectiva perfeita à disciplina por abranger seus cinco conceitos-chave e áreas adjacentes como cultura, vegetação e cartografia, o que contribui para o enfraquecimento da ideia de que ao visitar um museu se está fazendo um passeio e não produzindo conhecimento, mas como afirma Coelho (2009):

Os museus são fontes de conhecimento, pois materializam um contexto histórico e, através de objetos e de outras maneiras, preservam a realidade de uma época, de um costume, de uma utilidade, enfim, daquilo que foi, pois a partir do momento da entrada de um objeto em um museu, ele deixa de exercer sua função original e passa a ser conservado para fins de preservação de memória.

Ao adentrar no Cais no Sertão, é possível encontrar três áreas da Geografia sem precisar de muito esforço: biogeografia, representada pelos diferentes de cactos e mandacarus expostos, além do próprio rio que corta o *hall* principal do museu; geografia das populações, representada por um modelo de casa de taipa com acessórios característicos do povo sertanejo, além de um vídeo ilustrando cenas do cotidiano; e geografia cultural, representada pela discografia de Luiz Gonzaga, o painel de J. Borges e os “paus-de-sebo”.

Para além disso tudo, o museu conta com artifícios tecnológicos, desconstruindo possíveis ideias sobre incompatibilidade entre tecnologia e educação, além de promover ludicidade na forma em que o conhecimento é ofertado. Boa parte dos vidros expositivos são acompanhados de telas interativas contendo vídeos e textos explicativos que mostram, inclusive, mais do que está sendo exposto: é possível, com elas, conhecer os parques arqueológicos do sertão, o que já foi encontrado neles e por quem tudo isso foi encontrado.

Com provável conhecimento prévio de algumas das informações trazidas anteriormente, uma docente da disciplina Fundamentos do Ensino da Geografia, no curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, após abordar diferentes percepções sobre os cinco conceitos-chave da ciência geográfica e ler em conjunto com seus alunos o clássico da literatura pernambucana Geografia da Fome, realizou uma aula de campo no espaço cultural já citado.



Os alunos receberam um livreto com direcionamentos sobre como o que estava disposto no Cais deveria ser observado para que a absorção das aulas anteriores seguisse o caminho esperado e tal organização agrega ao que Souza (2014) declara ao afirmar que

Ao contrário do que se imagina a aula de campo não é concretizada apenas pela visita do meio em si. Todo o conjunto que engloba o planejamento, a delimitação dos conteúdos abordados que serão elos entre a aula teórica e prática, elaboração de roteiros, ou seja, tudo que é pensado e elaborado antes, durante e depois são elementos fundamentais ao sucesso da aula de campo, da mesma forma que é importante o planejamento para a saída a campo o retorno significa ainda mais, tendo em vista que esse é o momento para a discussão, para as contribuições que o estudo trouxe para o crescimento intelectual dos estudantes.

Considerações finais

No decorrer da aula extraclasse, o papel do educador patrimonial como mediador do espaço foi fundamental, e isso reafirmou a importância da formação pedagógica voltada para o patrimônio que foi apontada pela primeira vez em 1936, durante a criação do Sphan – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Ao reafirmar as proposições percorridas no presente trabalho, pode levar-se em consideração a fala de Reis (2005) sobre a interação entre os meios formal e não-formal de ensino ser saudável e necessária:

Os museus devem ser um espaço sugestivo, lúdico e interessante onde não necessariamente as coisas devam ser explicadas como acontece na escola. E neste caso, considerar que não há uma única forma de construção do conhecimento, de aprendizagem, ele pode despertar no sujeito a afetividade instigando a emoção, o romantismo, a ação, a interação e a reflexão.

Desta forma, é possível declarar que há, no papel desempenhado pelo museu Cais do Sertão, grande relevância no que se diz respeito ao embasamento das aulas de Geografia, tanto para alunos da educação básica quanto para professores em formação. Pois suas temática, localização, estrutura e expografia contribuem para a construção de uma aula de campo onde será desenvolvido o aspecto investigativo dos estudantes, fazendo com que o elo entre teoria e prática contribuam para o aperfeiçoamento da ciência em questão.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas.** Educação (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014.



CARVALHO, Ione. Museus didáticos comunitários: fortalecimento da identidade cultural e sua função social hoje. [s.l.]. [s.d.], p.4. (mimeo.). In: NASCIMENTO, Rosana. **O objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu.** 1998. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação). ULHT, Universidade Federal da Bahia, 1998.

COELHO, Erica Andreza. **A relação entre museu e escola.** São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2016/04/A-rela%C3%A7%C3%A3o-entre-Museu-e-Escola.pdf>. Acesso em 7 de novembro de 2020.

COSTA, Yazid Jorge Guimarães. **Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio.** Museus e patrimônio. Ceará, 2020.

MOURA, Maria Teresa Jaguaribe Alencar de. **Escola e museu de arte: uma parceria possível para a formação artística e cultural das crianças.** In: TEIAS: Rio de Janeiro, ano 6, nº 11-12, jan/dez 2005.

RODRIGUES, Antônia Brito; OTAVIANO, Cláudia Arcanjo. **Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia.** Revista do Departamento de Geociências, Londrina, v. 10, n. 1, jan./jun. 2001.

REIS, Bianca Santos Silva. **Expectativas dos professores que visitam o Museu da Vida.** 2005. 106f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2005.

SOUZA, Cristiane Aureliano de. **A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem nas aulas de Geografia no ensino fundamental.** Paraíba, 2014.